

A PONTE—VEDETA DO DIA

(Continuação da 1.ª página)

deixa as seguintes numeross: Lisboa-Almada, 189 veículos, dos quais 16 motocicletas; Almada-Lisboa, 94 (6 motocicletas). O movimento não era de assustar, mas mesmo assim verificava-se a média de mais de um carro em cada dois segundos, para o trajecto Lisboa-Almada, e de quase um carro em cada três segundos, para o trajecto contrário.

As 10 da manhã o ritmo subira de forma apreciável. Entre Lisboa e Almada escoava-se mais de um carro por segundo, enquanto de Almada para Lisboa passava quase um carro por segundo. Em nu-

meros redondos, cerca de 7000 veículos por hora nos dois sentidos (o máximo de escoamento previsto, incluído o pequeno compasso de espera para pagamento da portagem, orça pelos 6000).

A concentração dos veículos, aliada ao desejo natural de apreciar tudo com vagar, fazia com que a velocidade média fosse, no trajecto Lisboa-Almada, de 20 quilómetros horários, sensivelmente menor que o limite mínimo estabelecido.

Uma noite em claro

O maior afluxo verificou-se de certo modo inesperadamente, entre Quem julgar que Lisboa se deita

cedo tem de fazer a devida rectificação. Ficaram a ganhar os restaurantes e as cervejarias da manhã-meia-noite e as três da manhã-gem sul, onde o movimento foi inusitado.

Ao cair da tarde já se tinham verificado as primeiras avarias. Da Praça Marquês de Pombal a outra margem a viagem durava quase duas horas, em longas bichas que chegaram a estender-se por três quilómetros. Resultado: dezenas de embraiações queimadas, sobretudo em veículos utilitários de modelos menos recentes. Não pararam os pronto-socorros, inclusive os do Automóvel Clube de Portugal. Também houve muitos furos: os pneus gastos deram-se mal com a grelha

metálica das faixas de ultrapassagem.

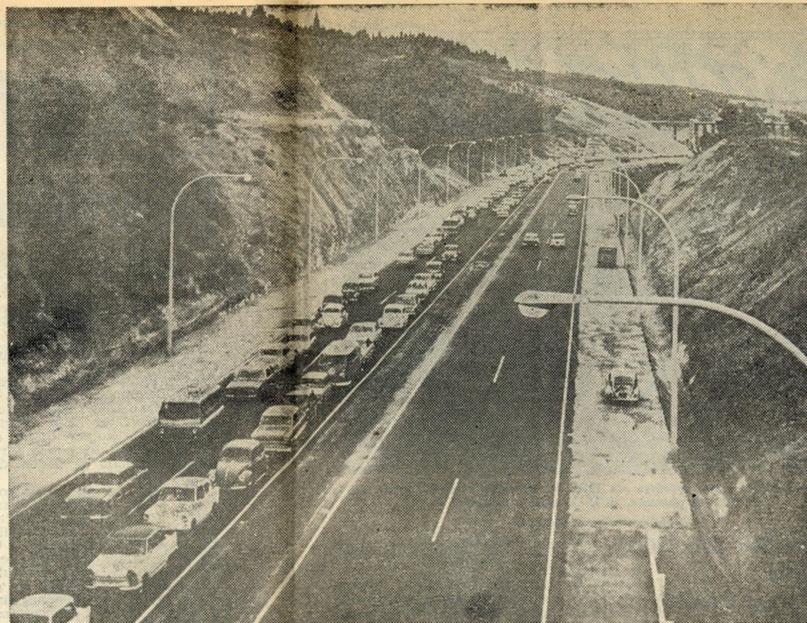
Vegeta de domingo

A ponte foi a vedeta desde domingo. Os automóveis circulavam normalmente cheios, por vezes com mais passageiros do que os permitidos pelo livrete. Motociclistas, algumas com esidecar, auto-

Mais de 82 mil veículos (500 mil pessoas) nas primeiras vinte e quatro horas

Nas primeiras vinte e quatro horas em que esteve aberta ao tráfego, passaram pela ponte — número que, indubitavelmente, ultrapassa todas as previsões — cerca de oitenta e dois mil veículos, com aproximadamente 500 mil pessoas.

carros de passageiros, «roulottes» e barcos contados em atrelados, táxis, camionetas, completavam o quadro. Um moderno «pulinha» francês, com o distico «Les Rapides Gâtinais», estacionou junto à portagem da margem Sul. Tiraram-se fotografias e rodaram-se alguns metros de filme. Pouco depois passava um «scotter» com marido, mulher e... cestos! Catorze camionetas das «Aguas do Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas» iniciavam a sua distribuição de domingo, em fila indiana e a velocidade moderada. Uma carrinha dos Serviços Muni-



O acesso na margem Norte fazia-se em duas filas ininterruptas. De Almada para Lisboa o movimento era bastante menor

cigarro que voava de uma camioneta de passageiros. A multa é pesada — mas ninguém viu.

Corrida às moedas

Um total de 40 mil moedas de 20500, comemorativas da inauguração, foi posto à venda na margem Sul. Junto à escada de acesso ao edifício da portagem, a procura excedeu toda a expectativa. As 5 horas da tarde de ontem já não se vendiam moedas. Esgotara-se o primeiro «stock». Mas as moedas reapareceram esta manhã, para alívio dos interessados.

Os menos avisados dirigiam-se aos «guichets» da portagem, onde não estava ninguém. Solução: meia volta e entrada na «bicha». Uma bicha enorme, com muita gente de-

rece amanhã um passeio, seguido de recepção, a bordo do paquete «Infante D. Henrique», que largará, às 17 horas, da estação marítima de Alcântara, e não da da Rocha, como inicialmente estava previsto.

A romaria continuou pelo dia fora

A hipótese dos engarrafamentos, que se fazia sentir já nos acessos, principalmente nas imediações do Largo de Alcântara, não assustou o automobilista de domingo. Almada, Costa da Caparica, a Arrábida, Setúbal, Sesimbra têm agora novos motivos de atracção. Estão mais perto, fazem parte do programa imediato do turista interno. O exodo foi enorme.

— Para onde é a ida? — perguntámos ao proprietário de um velho «Prefect». — Quer vir daí? — Gêsto liberal. — Olhe que é uma caidradal!

Para Lisboa vinha também muita gente. Uma camioneta de carga trazia quatro pessoas na caixa, sentadas em cadeiras. Um casal do Azeitão fazia-se acompanhar pelos seus quatro filhos pequenos. Disseram a senhora:

O meu marido queria ir a Setúbal. Mas aquilo deve ser um mar de gente! Resolvemos almoçar num restaurante de Lisboa.

A miudagem estava sem pulgas: ia passar a tarde no Jardim Zoológico.

O céu de chumbo espelhava-se nas águas mansas do Tejo. Um cargueiro da «American Export» passava lentamente entre os pilares da ponte. Lisboa tem um novo pulmão para respirar.

O passeio a bordo do «Infante D. Henrique»

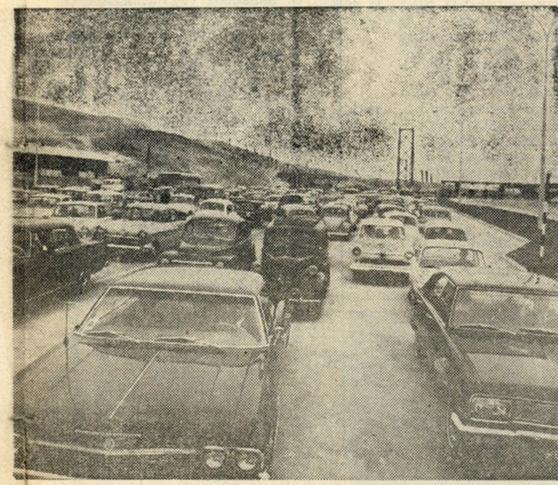
Para assinalar a inauguração da ponte, o ministro da Marinha ofe-

O ESPECTÁCULO DE BAILADO NA PRAÇA DO IMPÉRIO

O Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta-se, esta noite, ao publico de Lisboa, num espectáculo extraordinário, a realizar na Praça do Império, às 22 horas, integrado no programa oficial das comemorações da inauguração da ponte sobre o Tejo.

A abrir o programa, e sobre musica de Gluck, será dançado «Esboço de Orfeu», do coreógrafo suíço Michel de Luty, que se desloca a Portugal expressamente para montar o sue bailado. Em estreia mundial, ver-se-á «O Bando», coreografia de Walter Gore, e musica de Norman dello Joio. O programa inclui, também, outra coreografia de Walter Gore, que já anteriormente foi apresentada entre nós com assinalado êxito: «Sassenach Suite», sobre musica de Malcolm Arnold.

Terão destacadas actuações no espectáculo a grande bailarina Paula Hinton (artista residente convidada do G. G. B.), que o crítico do «Times», de Londres, considerou «a mais admirável bailarina dramática da Europa», e Isabel Santa Rosa e Carlos Trincineiras, sem duvida dois dos melhores bailarinos portugueses da actualidade.



Trânsito na margem Sul. Uma massa compacta de veículos de todos os tamanhos e marcas

CARTAS DO BRASIL

por CHIANCA DE GARCIA



A cidade mais europeia do Brasil

CARTÃO POSTAL N.º 1

Leitor, estou hoje muito longe do Rio de Janeiro, numa cidade que se chama Campos do Jordão, 1700 metros acima do nível do mar, na serra da Mantiqueira. Minha ideia, vindo aqui, foi encontrar novas paisagens, novos ambientes para o cenário destas cartas, tanto mais que Campos do Jordão é considerada, o que me lembrei de verificar, a cidade mais europeia do Brasil. Mas haverá, no duro, um pedaço da Europa na serra da Mantiqueira? É o que tremos ver amanhã.

Deito-me. Lá fora faz frio. No meu caderno de notas releio o que escrevi dias atrás, ainda no Rio de Janeiro.

CADERNO DE NOTAS, 1.

De volta do Teatro Jovem:

Assisti a um drama de pescadores que é, por certo, o mesmo que anonimamente tem sido vivido aí em Portugal, talvez na praia da Nazaré, essa minha saudade onde eu e o António Lopes Ribeiro anadamos (foi há vinte, há trinta, nem eu sei já quando...) ensaiando imagens para um filme. Assisti, há dizendo, a um drama de pescadores, contado num minúsculo palco carioeca: João Amor e Maria.

Uma vela de jangada, o ritmo das ondas dado no balcão dos corpos vestidos por andrajes, homens cantando e João Amor lembrando Maria. Tudo crescendo até cima de tragédia, quando o mar quer tragar os pescadores. Mas uma onda leva João Amor. Longe, muito longe, na praia, Maria espera. Espera na escuridão de uma noite de tempestade. De mas o mar que levou João Amor está chamando Maria. E Maria entra nas ondas e vai. Vai levar a João Amor uma estrela do mar. Quando, depois, vem a manhã, a jangada encontra um corpo. E João com uma estrela cravada no peito. Uma estrela que reflecte uma nova estrela que começa agora a brilhar no céu.

A esta peça chamou o crítico Eurico Nogueira França uma ópera sem orquestra. Apenas com um simples violão. Não será uma ópera, no estilo convencional, mas um espectáculo onde perpassa — embora com um mínimo de recursos de encenação, e, talvez, exactamente por isso — uma atmosfera genuinamente brasileira, trazida, como um vento do mar largo, a um publico de cidade grande, num palco do Rio de Janeiro, este Rio de Janeiro sempre tão distante de um povo que existe, mas de que ele apenas toma conhecimento quando aqui chega transformado em poesia. Eis o caso de João Amor e Maria.

CARTÃO POSTAL N.º 2

Mas onde estão as coloridas flores que transformam a serra da Mantiqueira num imenso jardim, como me prometiam os folhetos de propaganda turística? Acordo. Pela janela vejo os campos cobertos de geada. Desço. Falo com o dono do hotel:

— Porquê cidade mais europeia do Brasil? — pergunto. Porque faz frio? Mas em São Paulo também faz frio. Até em Teresópolis! — Não diga isso, cavalheiro! Aqui há frio mas seco. Onde é que São Paulo tem frio seco? O frio de lá é gelo. Frio seco, como em Campos do Jordão, só na Europa, meu caro senhor! Só na Europa. Mas vá dar uma volta por aí. Vá a Capivari. Vá a Jaguaribe. Não tenha medo do frio, não. O frio daqui é saudel! Fui. Descobri que a cidade é

dividida em três pedaços. A Baía, a cidade de Jorge Amado, está dividida em duas: a baixa e a alta. Campos do Jordão é formada por três montinhos: Abernethia, onde há restaurantes, bares, lojas e um cinema. Capivari, que é apenas um bairro de «chalets» mais ou menos suíços, e Jaguaribe, onde há um povo tão quotidianamente brasileiro como em qualquer outra cidade do interior. Mas em Abernethia, sim, vi várias garotas de cabelos louros, com um arzinho nórdico, o nariz vermelho e arrebitado, lembrando a nova Miss Universo, nascida na Suécia.

Deito-me. Lá fora faz frio. No meu caderno de notas releio o que escrevi dias atrás, ainda no Rio de Janeiro.

CADERNO DE NOTAS, 1.

Assisti a um drama de pescadores que é, por certo, o mesmo que anonimamente tem sido vivido aí em Portugal, talvez na praia da Nazaré, essa minha saudade onde eu e o António Lopes Ribeiro anadamos (foi há vinte, há trinta, nem eu sei já quando...) ensaiando imagens para um filme. Assisti, há dizendo, a um drama de pescadores, contado num minúsculo palco carioeca: João Amor e Maria.

Uma outra miss, a do ano passado, Maria Raquel, bancando os infelizes da Comissão Técnica que levaram o Brasil à alienação com os desencantos da Taça do Mundo (aquí diz-se Copa), atribuiu a desclassificação de Ana Cristina à parcialidade dos juizes. E acrescentou: — Vi aqui, no Rio de Janeiro, muitas dessas estrangeiras que concorreram à Taça da Beleza Universal e confesso, juro mesmo, que nenhuma delas era mais bonita ou mais feita do que a nossa. — Pois é, rectifiquei, mas não esqueça que nenhuma das que estiveram aqui ficou entre as cinco finalistas...

CARTÃO POSTAL N.º 3, com a imagem colorida de um jardim imenso.

— Não, francamente não compreendo as razões por que dizem que Campos do Jordão é a cidade mais europeia do Brasil... — Não compreende porque o senhor veio no Inverno. Se tivesse vindo na Primavera, compreenderia. Porque nós aqui temos Primavera. A autentica, a deliciosa Primavera da Europa, doce, suave, em flor. Onde é que o senhor já viu no Brasil uma verdadeira Primavera? Em lado nenhum, porque não há. Primavera só em Campos do Jordão. Isto disse uma alemã gorda e rosada, ao vender-me um pacote de frutas cristalizadas. Na rua, o tal frio seco penetrou com agulhas nos meus ossos. Fugi para o hotel. Pedi um chá bem quente e meti-me na cama.

No dia seguinte, amanheci com dores no corpo e febre. Grippe, disse o médico, e um pouco de reumatismo nas articulações...

DO MEU CADERNO DE NOTAS:

Foi então que começou o pesadelo. Eu visitara, dias antes, numa enfermaria do Hospital dos Servidores, um velho amigo, o bom crioulo Heitor dos Prazeres, criatura nascida no calor das batucadas e que, com meticolosa seriedade, trabalha a arte primitiva e pura dos seus quadros, muitos dos quais espalhados por vários museus do mundo, onde transforma samba em gente. O samba das mulatas

com seus seustos e dengues, dos negros esgalgados e de calças brancas, tocando violão á porta dos botecos, dos pretos velhos cochilando na sombra dos barracos, e dos negrinhos do morro, ao sol, empinando papagaios de papel com as cores do Flamengo.

Eu encontrara Heitor dos Prazeres convencido de que a sua longa existência chegara ao fim: — Sei que tenho pouco tempo de vida. Sei igualmente que já vivi muito e que, por fim, chegou a minha hora. Mas o coração que se esconde neste corpo negro, estendido em lençóis brancos, ainda teima em cantar.

E baixinho, com os olhos cheios de lágrimas, começou a rimar para mim, como ele disse, o seu ultimo samba...

Mas agora, na fria solidão daquele quarto de hotel, o moribundo era eu. Surgiu, primeiro, com brancas e rodadas saias de baiana, enorme Mãe-de-Santo queimando, num defumador, capim e penas de galinha preta. Nuvens de fumaça enchiam o quarto. Então, furando-as, surgiram rostos de negros e de crioulos. Dentes luzindo no escuro. E a voz da Mãe-de-Santo repisava a sua ladainha:

«Eu te defumo para sarar, Mas repete o samba pra elogio!»

«E começaram roncando os atabaques.»

Bem que eu queria recordar o samba que Heitor dos Prazeres para mim mais soluçara do que cantara. Na minha memória tinha ficado apenas a lembrança de um homem despedindo-se á vida a cantar. O que cantava não tinha importância. O importante era cantar

«... mas repete o samba pra [Xangô escutar!]

E nesta luta levei horas. Eu a procurar na memória umas palavras que, por certo, não fixara, e em minha volta, no bater dos atabaques, aquela mesma litania: — repete o samba, repete o samba!

Então, por entre nuvens de fumaça, desceu lá do alto Ary Barroso, todo de preto, com um chapéu de chuva aberto. Olhou para mim e começou gritando: — Não é ele, não é ele! —

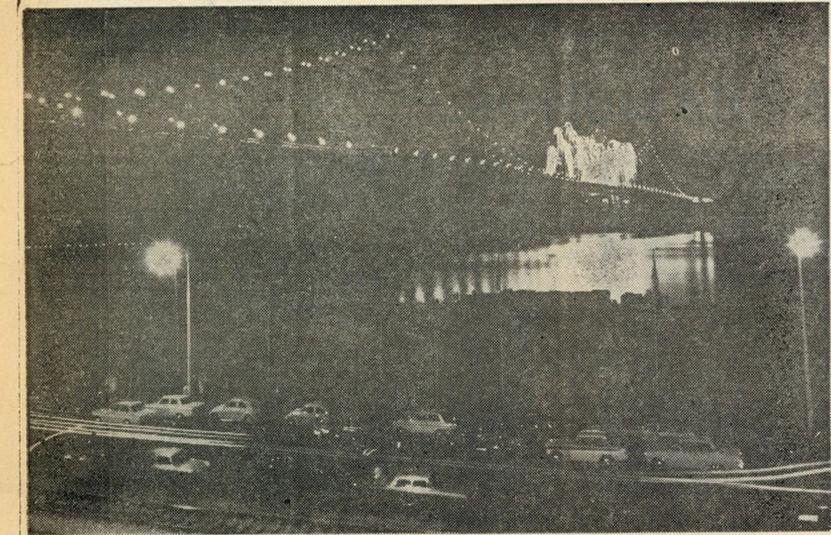
Até todo o crioulo começou a cantar:

«Carnaval de antigamente, Alegria a gente E tinha um certo quê... O Carnaval de agora Vai de noite agora E não tem nada pra se ver!»

Acordi já nascera a manhã. Ah, Heitor dos Prazeres, amigo velho, quando você julgou que ia morrer (como isto é bonito e carioeca) a sua ultima lembrança foi para recordar o Carnaval...

DOIS DIAS DEPOIS

Hoje, por milagre, o tempo melhorou. Vi, entre nuvens, lagos de céu azul. Desci e fui almoçar. No menu estava escrito: «Hoje, Feijoada à Brasileira» fe o garçon, piscando o olho: — com uma dosezinha de cachaca, não é?». — Ai simpatizei com Campos do Jordão. Tirara a máscara de cidade mais europeia do Brasil. Na verdade, o bom do Brasil é ser Brasil. Fui ao telefone e liquei para o Rio: — Alguma novidade? — Não. Convides para a peça nova do Serrador. E um pacote de livros que veio de Lisboa. — De quem são os livros? — Quatro volumes de contos de Domingos Monteiro. — Ótimo. Põe na minha mesa. Vou jantar a casa.



Um belo aspecto da ponte durante a sessão de fogo de artifício

Casou-se hoje o futebolista Manuel Duarte

PORTO, 7.

Na igreja do Bom Jesus de Matosinhos, o ex-jogador do Leixões, Manuel Duarte, agora vinculado ao Sporting Clube de Portugal, casou-se com a s.ª D. Alzira da Conceição Gomes Patrio.

Tratando-se de uma senhora de Matosinhos, filha de um conhecido mestre de pesca, Manuel Duarte, um dos 22 jogadores da selecção nacional que se deslocaram a Inglaterra para a disputa do campeonato do mundo, embora deixando Matosinhos, onde grangeará muitas amizades, continuará áquela vila ligado pelos sagrados laços matrimoniais.

Ferrovário ferido num acidente

VIANA DO CASTELO, 7 — Reolheu ao Hospital da Misericórdia, com escoriações e contusões várias no torax, o sr. Francisco Ferreira Villas Boas, de 30 anos, casado, sergente em Barcelos, que, próximo da estação de caminho de ferro de Tanel, foi apanhado por um comboio. Desempenhava o posto de agulheiro, e com a deslocação de ar á passagem do comboio, desequilibrou-se e caiu, não sendo, por isso, colhido pelo rodado.

CAFÉS DE ANGOLA

Nos últimos meses verificou-se uma pequena descida nos preços dos cafés de Angola no mercado metropolitano, aliás sem justificação, perante o que acontece nos mercados estrangeiros, onde se firma a tendência para a subida.

Todavia, já se está a notar, no nosso mercado, o desaparecimento desse fenómeno, em virtude de — segundo se creê — os produtores ultramarinos se terem decidido a não efectuar transacções aos preços ultimamente praticados, considerando que esses, comparados com os da maioria dos produtos, estão muito aquém das possibilidades do publico e não são compensadores.

A primeira noite da ponte

O afacinha teve ontem três motivos especiais a quebrarem a monotonia do seu sábado. O primeiro foi a ponte, o segundo foi a sessão de fogo de artifício, o terceiro a recepção de gala dada nos salões da C. M. L.

Cada um dos acontecimentos teve o seu publico próprio e iam os dizeres que o primeiro foi para os automobilistas, o segundo para os peões e o terceiro nem para uns nem para outros. Lembrámo-nos, no entanto, de uma história que esta manhã nos contou um automobilista prevalente. Foi para Monte-Carlo, meia hora antes de começar o fogo de artifício, arrumou o carro num sitio bom para sair e procurou o melhor ponto-mira para ver os cachos de luz sobre o Tejo. A meio acabou-se e resistiu. Procurou o carro, satisfeito por poder acabar rapidamente com aquilo. Quando chegou ao sitio onde devia

ter a viatura o que encontrou foi um mar de automóveis, mais de mil e escondem o seu belo carro, que tinha ficado tão bem arrumadinho. Voltou ao ponto-mira, aguentando mais um hora. Com os nervos já em franja viu a ultima estrela de luz a sair do Cristo-Rei e depois dos batelões do rio. Era uma e meia. O automobilista sentiu-se estorpar pelas costuras. As duas e meia contou o 400.º automóvel que deixava anteveer o seu lá ao fundo. As quatro, finalmente, recuperou o carro e foi para casa, com uma crise de nervos que foi maior que o fogo de artifício e o deixou toda a noite sem dormir. Como ele, outros noctívagos da ponte regressavam a penates, quando as luzes já se tinham apagado nos salões do Município, já se não viam nem os carros nem o fogo que a nossa praça mostra e a ponte continuava a ser atravessada pelos caminhinhos da manhã que, fiéis aos hábitos tinham ido para os bares e as «boites» e faziam, finalmente, o seu passeio higiénico matinal, antes de cair nos braços de Morfeu.

PESSOAS ATROPELADAS POR UM CAMIÃO NA CASA DE JANTAR

SARAÇOÇA, 7 — (A. N. 1.) — Cinco pessoas foram atropeladas por um camião dentro da sua própria casa, quando estavam a jantar. O veículo, carregado, desceu uma rua íngreme e desatvorou, por terem falhado os travões, indo embater com grande fração na parede da casa, que destruiu. Quatro dos comensais ficaram feridos, tendo sido transportados para o hospital.

EXCURSÕES INDIVIDUAIS

Conheça toda a Europa utilizando as viagens ao estrangeiro organizadas pela C. P., com todas as despesas incluídas.

Peça a respectiva brochura ao Serviço Comercial e do Tráfego, nas Secções de Informações e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa.

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES

Cursos de: Turismo, Guias-intérpretes

Outros cursos: Relações Públicas, Organização Administrativa, Secretariado, Publicidade.

Abertas as inscrições

Informações: Aven. Duque de Loulé, 47-1.º Telefone 55 53 19

olpallizados de Coimbra passeava tranquilamente um grupo de funcionários.

Os rádios da P. V. T., montados em automóveis e motocicletas, estavam em exploração continua: — Chefe Santos, chefe Santos! Já chegou a brigada! — Preciso de mais dois homens. O Calçada está aí? — Acesso Norte. Chama Fernandes. Tudo normal.

Pedia-se mais velocidade na ponte. Gestos imperiosos com as mãos, apitos. O automobilista acelerava. Nas janelas de trás, dois amigos punham a cabeça de fora.

— Cabeça para dentro! Olhe que é perigoso!

As cabeças voltavam para dentro. Daí a pouco era uma ponta de

sapontada pelo facto de só se poder comprar uma moeda por veículo.

Pouco depois, contra-ordem vinda liberalizada nos «guichets» da portagem.

A aglomeração causara ontem os primeiros prejuizos: um vidro quebrado num «guichete». Entusiasmo inglês. Quanto às moedas, o mais provável é não chegarem a circular. Na opinião generalizada dos compradores «vão para o fundo da gaveta».

Trânsito fechado

A passagem das entidades oficiais para a missa campal em Almada obrigou a fechar o transitio, no trajecto Sul-Norte, entre as 9 e meia e as 10 da manhã. Quatro filas intermináveis de veículos aguardaram pacientemente a reabertura do tráfego nesse sentido, onde durante meia hora a circulação (oficial) se fez contra a mão.

O automóvel do Chefe do Estado foi o ultimo a passar neste período especial.

Dez minutos antes abria-se uma excepção: uma senhora no termo da gravidez precisava de atravess-

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos Pagamentos muito bem

GRANDE OURIVERIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257